

CÂNCER DE MAMA

Mais de 18 mil pacientes do DF foram acompanhadas durante 10 anos, entre 1994 e 2004, com exames de mamografia periódicos. Pesquisa revela que as lesões iniciais são, muitas vezes, negligenciadas

Radiologista adverte mulheres

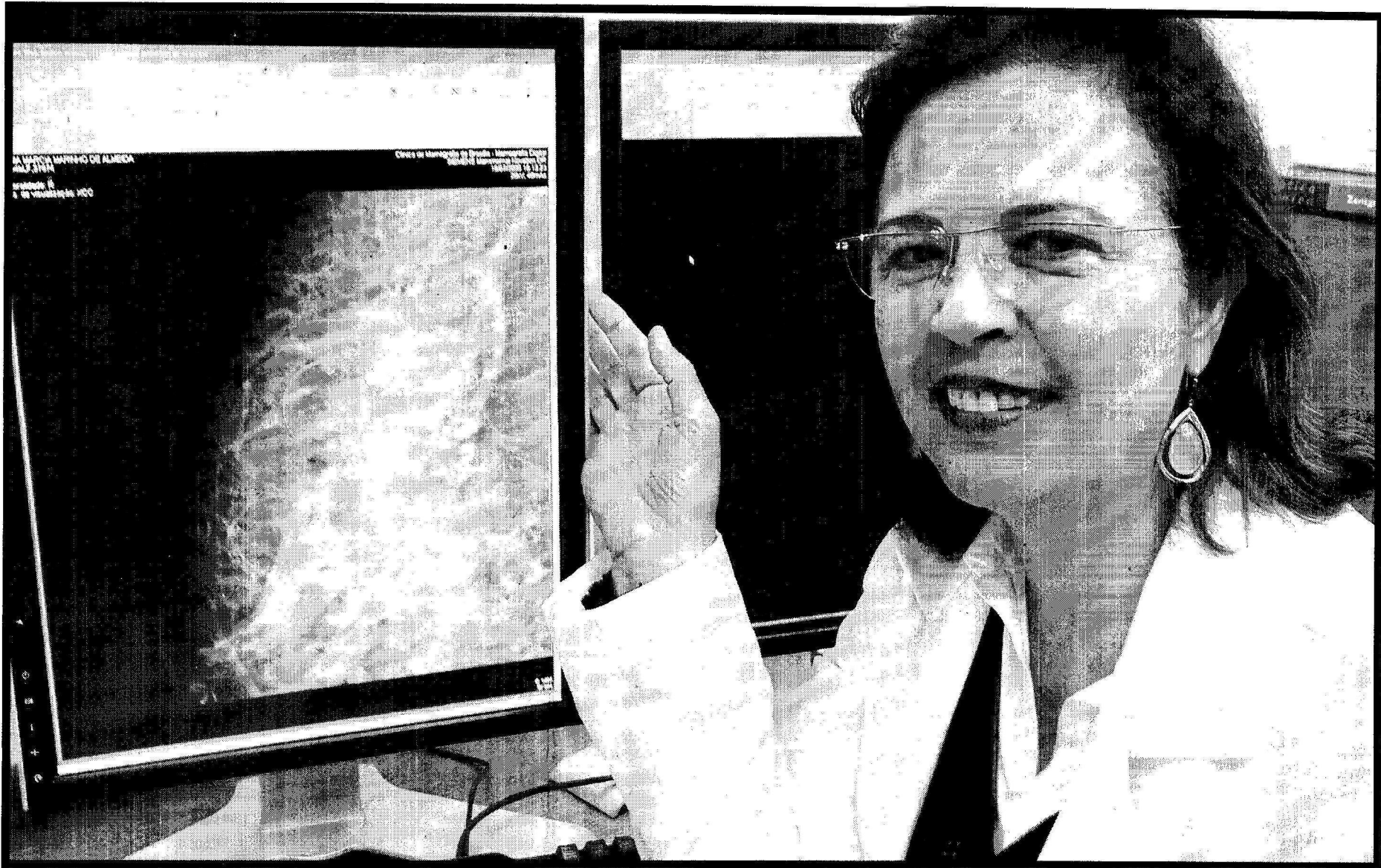
MARCELA DUARTE
DA EQUIPE DO CORREIO

Um estudo realizado entre 1994 e 2004 com 18,6 mil exames de mamografias de pacientes do Distrito Federal é um alerta para as mulheres e a comunidade médica que previne e trata o câncer de mama. A análise, ampla e detalhada, revelou casos de mulheres que, mesmo apresentando lesões de baixa suspeita de malignidade nas mamografias de rotina, não prosseguiram na investigação e tiveram resultados malignos em biópsias posteriores. O estudo, coordenado pela doutora em radiologia Janice Lamas, foi o único trabalho brasileiro selecionado para o 57º Congresso Nórdico de Radiologia, realizado na Suécia entre 9 e 12 de maio. Parte do trabalho foi apresentado no último sábado (2 de junho) aos profissionais de saúde do Distrito Federal, na Associação Médica de Brasília, durante o 3º Curso de Diagnóstico por Imagem.

No Brasil, tumores nas mamas são responsáveis pelo maior número de óbitos em casos de câncer. Para a médica Janice Lamas, o resultado do estudo serve para alertar médicos e, sobretudo, as mulheres para que possam prosseguir a análise de lesões de baixa suspeita com a biópsia, quando estiverem passando por exames de rotina e houver suspeita. "A mulher tem esse direito de querer esclarecer o que está sofrendo, pedir para ser melhor avaliada. Ainda mais quando são mulheres que têm casos na família ou estão dentro do grupo de maior risco de desenvolver a doença como as que não amamentaram, ou fazem uso de terapêutica hormonal", afirma.

No ano passado, cerca de 600 mulheres no DF começaram o tratamento de câncer de mama. Segundo o Instituto Nacional do Câncer (Inca), a capital federal tem a maior taxa de

Paulo H. Carvalho/CB - 25/5/07

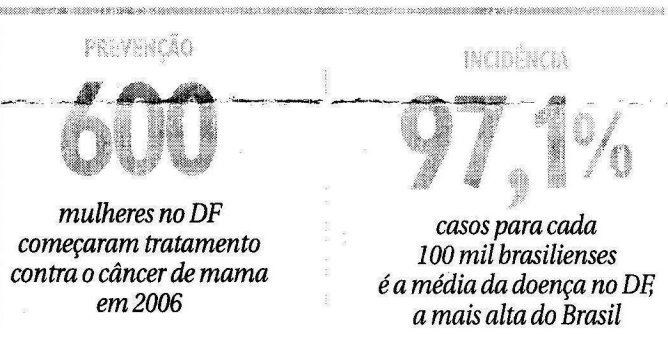


O ESTUDO DA RADIOLOGISTA BRASILENSE JANICE LAMAS FOI O ÚNICO TRABALHO BRASILEIRO APRESENTADO EM CONGRESSO MUNDIAL SOBRE DIAGNÓSTICO DE CÂNCER DE MAMA NA SUÉCIA

país de mortalidade feminina por esse tipo de câncer (97,17 em cada 100 mil brasilienses). No Brasil, só em 2006, foram cerca de 40 mil casos. De acordo com dados da Secretaria de Saúde, 660 mulheres receberam este ano o diagnóstico de câncer de mama no DF.

Sem sintomas

Entre os 18.639 mil exames de mamografias no DF analisados entre 1994 e 2004, a maioria das mulheres fez o exame a pedido das empresas nas quais estavam empregadas para ava-



liação periódica. No grupo não havia pacientes com queixas ou sintomas de qualquer anormalidade palpável. Do total, foram identificadas 387 mu-

lheres com lesões de baixa suspeita de malignidade no exame mamográfico.

Das 387 mulheres, 320 casos foram acompanhados ou biop-

siados — 12% apresentaram lesões malignas. "Vinte e dois casos que avaliamos posteriormente eram o que chamamos de lesões intraductais, ou seja, se retiradas rapidamente, a cura ocorre em 95% dos casos. A descoberta precoce é muito importante nestes casos", avalia Janice Lamas.

Para a médica, o estudo comprova a necessidade de realizar a biópsia imediatamente, mesmo que no início sejam identificadas apenas pequenas lesões. "A descoberta poderá auxiliar mulheres e médicos no

mundo inteiro. A única forma de modificar a história natural da doença e o desfecho em morte é detectar o tumor na fase inicial", conta a médica.

Ela explica ainda que no Brasil o tempo que as mulheres costumam demorar para refazer as mamografias é muito grande. "O ideal é que toda a mulher faça o exame anualmente. Mas temos casos nos quais as examinadas somente voltam três anos depois, e a lesão, que estava aparentemente minúscula, quando ela retorna já pode ser apalpada", explica.

Ronaldo de Oliveira/CB



TEMOR DE CONTRAIR A DOENÇA LEVA JULIA A FAZER EXAMES PERIÓDICOS

Exemplo de prevenção

O que Janice Lamas propõe às pacientes é seguido à risca por Júlia Maria Ladeira Geraldo, 49 anos, aposentada. Ela afirma que faz todos os anos uma mamografia, como forma de manter-se alerta. Júlia não tem casos na família, mas afirma que está assustada com o número de mulheres com câncer de mama e sobretudo em pessoas conhecidas. "Minha cunhada perdeu uma amiga no mês passado. Acontece muito rápido quando não existe acompanhamento", diz. Para evitar os sustos, afirma que orienta amigas a fazerem o mesmo. "Pode acontecer com qualquer mulher. O ideal é procurar o médico com frequência e ficar de olho", sugere.

Parte do estudo apresenta-

do na primeira quinzena de maio em Malmö, na Suécia, foi conhecido pelos médicos do DF durante o 3º Curso de Diagnóstico por Imagem, coordenado pela médica, na última semana. Além de palestras sobre mamografia, ultrassonografia pélvica, tecnologias utilizadas nos estudos da mama, radiologistas, mastologistas e ginecologistas participaram de sessões interativas e exposições em negatoscópio de casos mamográficos e ecográficos.

Com o curso, a especialista dividiu experiências sobre a importância do diagnóstico na investigação de doenças. "O estudo é uma contribuição científica de Brasília para o mundo. Fiquei muito feliz com o resultado e em poder dividir um pouco com os colegas daqui", conta a médica. (MD)